

DA ORDEM DO SENTIR: A ESPECIFICIDADE ANTROPOLÓGICA DO CONHECER

Paula Cristina Pereira
Universidade do Porto

O texto aqui apresentado divide-se em duas partes essenciais: num primeiro momento pretende, sobretudo, apresentar o sentir que ascendido em *amor* pela continuidade qualitativa do querer é já afirmação e fonte do conhecimento – pois a própria vida do pensamento. Assim, o sentir é *simultaneamente o eu e o outro* da dialéctica do pensar, a caminho de mais completude do próprio pensamento.

Num segundo momento, o *amor* como sentir de incompletude e como condição de reciprocidade é mobilizador de projecção, projecção para o mundo dos *outros*. Em síntese, o sentir – e mais rigorosamente – o sentimento amoroso como expressão da *sensibilidade* – proporciona-nos, julgamos, um modo de *estetização do real* e a renovação de um *ethos* pela laboração da *estetização das relações humanas*.

Se recorremos a alguns textos de Leonardo Coimbra não significa qualquer desejo de sistematização do pensamento leonardino mas tão só tomarmos o seu pensamento como motivo e sugestão da nossa reflexão. Tal opção não significa, no entanto, o esquecimento de outros pensadores.¹ A opção joga-se na tentativa de mostrar como o pensamento português pode, na actualidade, oferecer-se como *resistência* às experiências e aos pensamentos puros pelo restabelecimento da relação originária com o mundo em trânsito de vida, em trânsito de sentido. «Leonardo Coimbra encontra-se precisamente entre os pensadores que, na contemporaneidade mais contribuíram para a renovação dessa nossa tradição sensibílista». (Botelho, A, 1992, p.p.289-290). Desta tradição desejamos recuperar o esforço de não nos limitarmos a qualquer dimensão reducionista do acto do conhecimento, mas resgatar o seu sentido antropológico fundamental.

1. Do sentir à continuidade qualitativa do querer

Se, por um lado, a Filosofia nasceu do descrédito da sensibilidade já que, desde o pensamento grego, tem sido marcada como tarefa de se elevar do sensível fazendo-nos herdeiros de uma *cultura logocêntrica*, por outro lado a emergência de uma *cultura imagocêntrica* a que hoje assistimos com o advento da cultura tecnológica tem dificultado a re-configuração

do próprio *sentir*. Contudo, a cultura tecnológica não traz em si mesma «nada de negativo» já que se configuram outras formas de «acessibilidade de cultura» mas consiste essencialmente «em desvalorizar o pensamento e a teoria, não só a filosofia como crítica conceptual, também as artes, a criação sensível, toda a actividade criativa (...), promovendo em seu nome a informação e a comunicação ou, pior ainda, as “opiniões” do mundo.» (Sousa Dias, 1998, p.p. 15-16).

Se esta problemática pode passar pelo reconhecimento da destriça entre matrizes lógico-demonstrativas e matrizes retórico-argumentativas e se concordamos, ainda, com Sousa Dias não consentindo na substituição do trabalho filosófico pela informação e pela comunicação, para nós, a questão é também a de entender o trabalho filosófico como *resistência* ao alheamento à crítica, às dicotomias ou separatividades cousificantes que se reflectem, no nosso quotidiano, em *imagens* e *imaginações petrificantes* ou *recicladadas* do *já visto*, do *já sentido*, do *já pensado*.

Reflectir sobre a *sensibilidade*, como *faculdade de sentir*, é, pois, para nós, reafirmar a necessidade do pensamento inventivo, sublinhar, por isso, as ideias vitais como ideias criativas na conciliação entre o sensível e o inteligível, percebendo a *sensibilidade* como *experiência de intimidade*, como *presença* do existente no mundo.²

Os discursos sobre o sentir têm-se delineado, hoje, essencialmente na procura dos sentidos ocultos e dispersos associados à sociedade da comunicação e consumo que têm sobre nós um efeito de deslumbramento porque mediático. Assim, por exemplo, Mário Perniola denuncia o sentir da nossa época como o *já sentido*. O que se passa, é que o nosso tempo apresenta-nos o sentir como *elaboração*, impedindo-o no caminho dos labirintos da existência, esquecendo-o, deste modo, como *projecção*, o que resulta na *substancialização* da própria actividade do sentir³.

Se as neurociências têm por um lado, provado, mostrado que a emoção, o sentir e a razão não são inseparáveis, por outro lado apresentam aí mesmo o risco de impedir – cousificando – a actividade do espírito como actividade livre, como actividade do que sempre se excede pela abertura infinita à re- aprendizagem entre o eu, o vital e tudo o que existe. Ou seja, a contínua descodificação das emoções pode viabilizar a *petrificação* e *cousificação* do sentir na medida em que descodificar pode implicar reduzir o sentir a um real esquecido de si, de ideal, esquecido como mobilizador de ideias e de projectos, esquecido como o sentido do diálogo, em prol da adesão porque limitando-se à manipulação dos sentidos, ocultando, pois, numa realidade que apenas nos é dada como *reflexo*, a unidade essencial do querer, do sentir e do pensar.

O pensamento pensado - dizia Leonardo – é o pensamento estático do conhecer frívolo, desatento à inquietude do pensamento como movimento que se expressa na íntima conexão entre o cognoscitivo e o ético.

Não pretendemos, aqui, construir uma qualquer sensologia mas reconhecer, na com-

plexidade do processo do conhecimento, o *sentir* como um *outro*, como o *diverso*, que é desde logo um modo de inteligir, na medida em que nos projecta no mundo e no mundo dos outros, trazendo-os até mim.

O sentir e mais precisamente o sentir-activo é já uma acção do pensamento, daí que o conhecimento não possa prescindir do sentimento como representação do mundo, dos objectos.

O sentir distingue-se assim das sensações na medida em que «reduzir tudo à sensação só é possível para quem não atingiu a Ideia» (Coimbra, L., 1915, P.C., p.18).⁴ O sentir pressupõe, desde logo, uma projecção do sujeito que ascende em ideal.

Embora Leonardo Coimbra afirme que o conhecimento parte das sensações, esclarece que a ordem do sentir é da ordem do “coordenável sentimental” - da ordem do espírito - e a ordem do mundo sensível é da ordem do “coordenável sensual”. O sensível é convertido num direccionismo gnoseológico e moral porque o conhecimento é obra de relação, de convívio e de harmonia.⁵ O pensamento é pois, necessariamente, criativo, pois a capacidade de apreender é também a mobilidade do pensamento criar.

Conhecer não se limita, então, à constatação e percepção dos factos, mas à descoberta do sentido do ser e do existente. Uma coisa é o mundo das coisas, outra é a *atitude* e o *modo* como nos relacionamos com elas.

A unidade da ordem intelectual e da ordem afectiva, amorosa, significa então a busca do conhecimento em dinâmica com a vida, traçada por um espaço de profundidade (plural) que resulta em maturidade gnoseológica:

«O conhecimento é dramático, porque a realidade é amorosa e só o amor une sem aniquilar.

A separação só existe onde as almas se encerram; mas, aí, uma alma pode aparecer que encontre a palavra da comunicação e as descerre e una» (Coimbra, L., 1918, L.I., p.43).

O pensamento como criação dialéctica é, pois, contrário a uma passividade receptiva, afastando-se pelo movimento dialéctico dos momentos do pensado, acrescentamos, do já sentido. Este dinamismo criaconista do pensamento que se caracteriza por uma actividade de síntese, sem demissão ou exclusão de todo o existente, presentifica em coabitação espiritual diferentes realidades, sejam elas sensíveis ou intelectivas, superando o apriorismo formalista, porque pensar é construir, é estabelecer relação.⁶

A relação subsiste como *des*-substancialização. «Fora da relação nada há mais que as relações anteriores, que são os temas da actual relação.» (Coimbra, L., 1915, P.C., p.21).

Assim chama Leonardo a sensação para a actividade cognitiva, a sensação é desde logo constituinte do mundo do pensamento. Ao atribuir valor espiritual à vida sensitiva, entende-as como complementares. A sensação é reconhecida como indispensável ao conhecimento possuindo *valor de realidade*. (*idem*, 1920, ADG).

A vida sensível e do sentir é, pois, aquela ainda não “adulterada pela sociedade tecnológica”, mediática, como “substituto da verdadeira sensação, sensação original”.

A “sensação industrial” é a da dispersão porque afastada do “sentido cósmico” da realidade que reencontra o seu sentido no puro amor da Graça. «A criação artificial de um novo modo de sentir condena ao ostracismo a capacidade humana de experimentar, no mais íntimo fundo do seu estar, a alegria originária e o sentimento pleno da graça. Esta alegria e esta graça, que com dor se designam *núcleos de realidade*, são momentos emergindo do seio da existência, a dar-lhe rumo e valia» (Pimentel, M., C., 1996, p.159). *A Alegria, a Dor e a Graça*, entendemos, como *modos de ser*, exprimem a sensibilidade não apenas como uma capacidade entre outras mas dizem, sobretudo, das essenciais conexões e relações entre o sensível e o inteligível, entre a matéria e o espírito. A sensibilidade pode, assim, revelar a “virtualidade do conhecimento estético” que se vai insinuando em novos ideais e representa, para nós, o pensamento da alteridade, numa visão dinâmica do saber e da realidade, que não se dá numa exterioridade abstracta mas numa cumplicidade entre modos de ser, de sentir e de pensar.⁷

O pensamento se por um lado deve coordenar o disperso, por outro, realiza-se e cumpre-se no plano ético da unidade co-assistencial que expressa o vínculo e a alteridade dos núcleos de realidade, porque obra de um confronto dialéctico com a realidade num complexo sistema de sínteses dinâmicas que vão laborando por uma razão aberta, solidária: «O pensamento é, pois intrinsecamente em movimento; pensamento é movimento. Qual é o princípio desse movimento que é o pensamento? É o Amor. O pensamento é o Amor em movimento. Toda a dialéctica criacionista é, pois, o movimento do pensamento que é Amor» (Patrício. M., F., 1992, p.309).

Compreende-se então a afirmação de Célio em do *Amor e da Morte*, para quem a ciência «não é mais que a objectivação histórica do amor da verdade. A ciência é feita de ideias e a ideia é um querer» (Coimbra, L., 1922, p.62). É o querer do conhecer compreensivo, que é já interiorização amante e não aniquiladora. Constitui-se, deste modo, uma metafísica moral que, atenta à matéria, ao sensível, é expressão do presente que é já futuro. A continuidade qualitativa do querer é pois condição do processo universal do conhecimento. E parte desse processo são também os outros.

2. A condição amorosa do sentir como projecção (para o nós)

Se a sensibilidade é faculdade de sentir é também capacidade de ser sentido, estabelecendo uma solidariedade entre o mundo e o eu (cf Laupies, F., 1998). O sentir afigura-se, então, como dois modos de *resistência*: ao pensamento puro e à *indiferença*. *Resistir* é pensar por um processo de *descousificação*. Este é o dinamismo característico da dialéctica amorosa que se opõe ao fixismo do pensamento pensado. O amor surge-nos, assim, como o sentir da incompletude, força tendente a aproximar e a unir os seres com a natureza, os seres com os seres. Tal aproximação é, afinal, a aceitabilidade da unidade na diferença e a compreensão do que nos faz próximos e distantes.⁸

A condição amorosa do sentir pode, pois, traduzir-se na transitividade pedagógica própria de uma razão mediadora entre o real e o ideal e mostrar-nos o conhecimento numa comunidade de vida, num *nós* que nomeia a proximidade e a relação. Ora, a relação pedagógica, tal como a relação amorosa, não é apenas uma relação subjectiva mas objectiva-se no percurso que me faz sair de mim e me coloca perante uma adesão ao mundo dos outros.

A positividade, porque amorosa, da relação instaura a universalidade do singular, pois não admite a fragmentação, já que a individualidade marcada pelas suas particularidades vê-se incompleta, carecendo de ser mais. Essa carência de ser mais fá-la caminhar para uma comunidade, para um plural que a personaliza.

É pois pela solidão de subjectividade que somos atirados para os outros. O inferno não são os outros, mas o eu que se descobre só e que na solidão vive angustiado (*cf.*, Gurmendez, C., 1985). Com o transcender da limitação da nossa subjectividade solitária emerge um «imperativo de uma realidade incompleta, unitária, de amorosidade, do nós.» (*idem, ibidem*, p.20).

O *nós* como expressão de *comunidade* é o esforço de pensar a oscilação entre o eu e o nós, sintomática da nossa necessidade de vivermos como únicos, próprios, mas também de vivermos com os outros; é o esforço de forjar a pessoalidade no social. Esse esforço dá-nos o pensamento como *experiência de resistência* à impessoalidade, à *des-humanização*. Contudo, falar do *nós* pode revelar-se tão humano como des-humano. O *nós* como comunidade pode, pois, afigurar-se como um lugar comum, como uma frivolidade já que vivemos um tempo de “processos colectivos” e “colectivizantes” que oscilam entre pressupostos que visam a democracia participativa e pressupostos mediáticos característicos da tecnocracia.

A efectualidade do *nós* supõe, então, a reciprocidade social que visa uma realização comum das pessoas na sua singularidade sem supressão dos diferentes, relação recíproca das diferentes liberdades que não exclui o conflito (a consciência amorosa não é uma consciência satisfeita) porque o amor, como projecção para o *nós*, não dilui os pólos da relação; pelo contrário, a sua existência pressupõe a própria relação. *Resistir* é, aqui, o pensamento a *cumprir* a compreensão em intensidade e profundidade. Existem, pois, níveis de compreensão que carecem de um olhar amoroso pela necessidade de *resistência* a um *olhar cousificante*: não olhar tudo e todos com as determinações do próprio eu mas considerar os outros na complexidade das suas relações; o que distingue, desde logo, um processo colectivo de um processo de comunidade. Esta destriça joga-se na difícil conciliação entre o eu e o nós pela necessária re-configuração do Tu.

Pelo *nós*, cousificado, podemos ficar fora do eu pela perda de identidade; pelo *eu* somos, podemos ser, remetidos para as patologias narcísicas. Em ambas as situações fica de fora o problema do *outro*, excluída a *alteridade*.

Pela comunidade não se pretende estabelecer qualquer precedência do eu ou do tu, mas sublinhar a reciprocidade da relação, pois é no outro como Tu que a relação é entre semelhantes e diferentes. Pelo Tu, porque outro, descubro o eu como único, singular e descubro que

posso e necessito viver fora do eu com o outro sem identificação, como *nós*. Fica, assim, salvaguardada a individualidade, já que o *nós* é o espaço de desalienação do Eu radicalmente diferente e o espaço de alienação positiva do Tu. Este *nós*, porque plural, é, criador de diferentes naturezas pessoais, pois aí se estabelece a diferença pelo vínculo, que é união fundamental.⁹

Retomamos a lição leonardina. O autor do criacionismo afirmou o indivíduo como condição do social, não ficando no entanto na personalidade biológica. Trata-se de superar essa personalidade numa ascendente e gradual moralidade que coincida com o processo de conhecimento de si e dos outros, emergindo a consciência individual por oposição à moral individualista. Consciência individual que é, desde logo, condição e abertura ao social. É pelo pensamento em construção que o indivíduo se eleva às representações gregárias, é neste contacto entre pessoas que o sentimento desponta para se tornar profundamente altruísta.¹⁰

Para não concluir:

A vida do conhecimento é, pois, co-assistencial porque integradora, por um pensamento vivo, de diferentes realidades e de diferentes consciências.

A especificidade antropológica do conhecer é assim marcada pela *heterogeneidade da razão dinâmica* que reconhece o amor como actividade de projecção. Projecção como criação que supera o sentir-passivo, reflexo de um pensamento estático, revalidando o sentimento estético da vida, sendo a vida e a vida do conhecimento re-conhecidas como “realidades transitivas e relacionais”.

Trata-se de aspirar a uma unidade que não exclua a diversidade já que a *unidade* de vida é a síntese desvendada na *cumplicidade* entre modos possíveis de ser e pensar.

A razão dinâmica pressupõe, então, uma reflexividade processual e activa como processo epistemológico renovado apoiando-se na *projecção* por oposição à *conquista* característica do *sentir industrial e artificial*, imperativo do sentir ideológico, que oculta a própria vida do pensamento desvendada no sentir original, desvendada nos seus próprios espaços de fragilidade.

Notas

1- Para Teixeira de Pascoas o pensamento é, antes de mais, *comovida vivência*. « Pensar vivencialmente é, pois, para ele, pensar, por empatia ontológica, sentindo dentro do ser o seu próprio pulsar e oferecendo-lhe, na consciência poética, um espaço de acolhimento à sua auto-revelação». (Coutinho J., 1995, p.78). O pensamento anterior da maturidade parece «oscilar, incessantemente, entre a atitude racional e a evidência intuitiva do sentimento, (...)» (Braz Teixeira, A, 1993, p.39). Podíamos continuar, certamente, com outros exemplos se o propósito deste trabalho fosse mais vasto.

2- A sensibilidade, como manifestação do sentimento amoroso, exprime-se em experiência de intimidade, superação da interioridade (subjectividade pura), o que ao nível da relação pedagógica (ponto 2. deste texto) implicará a emergência do *nós* como configuração da reciprocidade social.

3- « O já sentido é afim não só do já pensado, mas também do já feito, da burocracia. Esta desempenhou no âmbito da acção a mesma função que a ideologia exerceu no campo do pensamento: isentar o homem da alternativa entre agir e não agir, entre acção política e tradição: ela fornece um conjunto de esquemas de comportamentos já feitos, que são tão eficazes quanto as actividades políticas e tão seguros quanto rituais.» (Perniola, M., 1993, p.15).

4- Sempre que nos referirmos às obras de Leonardo Coimbra acrescentaremos às datas siglas no sentido de facilitar a respectiva identificação. Assim alguns exemplos: AD.G. -A Alegria, a Dor e a Graça, P.C.- O Pensamento Criacionista, L.I. - A Luta pela Imortalidade.

5- « Não basta à ontologia do sensível o já aduzido pela fenomenologia da percepção. Reafirmando o progresso sintético da sensação à ideia e ao sentimento ideal, orienta-se para a intimidade dramática da vida ética e amorosa das consciências. Defendendo a nobre dignificação da matéria sensório-perceptiva pelo combate aos cousismos ou idolatrias da sensação» (Pimentel, M., C., 1996, p.160).

6- O pensamento parte do sensível, integrando-o uma ontologia do espírito; «o pensar criacionista contempla no universo das sensações uma das formas da sua actividade: o sensível funda uma matriz de inteligência, uma raiz do formal, e traduz, por isso, a imanência do pensamento a uma matéria SYMBOL 150 √ "Kino MT" √ 12 - sensação que é também, e por virtude de uma acção imanente, pensamento» (idem, *ibidem*, p.147).

7- Afonso Botelho alertando para o perigo de se poder considerar Leonardo um "sensista" esclarece que «a sua visão do sensível, (...), ultrapassa todos os limites da sensação e projecta-se, a partir dela, no conhecimento intuitivo do espírito, por forma que a percepção oferece, em si mesma e para além do seu próprio estatuto, a virtualidade do conhecimento estético, superador da percepção restritiva do empirismo ou mesmo da percepção consciencializada da fenomenologia.» (*op. cit.*, p.288).

8- O amor não é apenas um modelo ou um arquétipo porque encarnado no mundo e no homem não se pode ancorar no absolutismo da universalidade homogénea. Também não é um conceito, se por este se entender, como Leonardo, o pensamento pensado. O conceito é o petrificado, o cosificado. O conceito pode tentar traduzir a essência das coisas mas não as infunde de vida, de acção: o amor afigura-se mais como noção porque pensamento realizante, constituinte, que percebe no real o ideal. Sendo o próprio pensamento relação, ele é relação com os outros, com o mundo e com a totalidade indizível. Desfeitos ficam os dualismos das objectividades e subjectividades estanques e separadas.

9- O nós como manifestação da comunidade educativa sublinha a reciprocidade da relação. Em *L'enseignement réponsant* Louis Not propõe «uma educação ou uma formação na Segunda pessoa (...)», surgindo «cada um dos protagonistas do acto educativo como parceiro do outro». (Carvalho, A.D., 1992, p.p. 25-26.). Na Segunda pessoa: «cada um é um Eu e o outro um Tu ao qual se dirige, o que faz de cada um, e ao mesmo tempo um Eu que se dirige ao outro e um Tu ao qual o outro se dirige» (Not, L., 1989, p.23).

10- O indivíduo que ascendeu pelo pensamento criador é a pessoa – emanada do indivíduo psicossocial – porque consciência forjada no social, aberta a um sistema de relações sociais, diferente de uma "consciência isolada" que «em breve esgotaria a sua actividade de síntese, quando ele fosse mais que o simples dinamismo biológico». (Coimbra, L., 1912, C., p.181). «O eu será pensamento e sentimento, para ser prazer; sendo irredutivelmente, no início como no fim, actividade sintética. (...) Um eu de egoísmo puro seria uma actividade inactiva, uma síntese sem teses: em suma, o absurdo completo» (idem, *ibidem*, p.171).

Referências bibliográficas

Botelho, A, (1992)- «Diálogo interior na obra de Leonardo Coimbra» *Filosofia e Ciência na obra de Leonardo Coimbra*. Actas do Simpósio realizado no Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto, Fund. Eng. António de Almeida, p.p.287-291.

Braz Teixeira, A, (1993)- *Deus, o Mal e a Saudade*. Lisboa, Fund. Lusfada.

Carvalho, A, D., (1992)- *A Educação como Projecto Antropológico*. Porto, Afrontamento.

Coimbra, L., (1912)- *O Criacionismo: (Esboço de um Sistema Filosófico)*. Porto, Renascença Portuguesa.

(1915)- *O Pensamento Criacionista*. Porto, Renascença Portuguesa.

(1918)- *A Luta pela Imortalidade*. Porto, Renascença Portuguesa.

(1920)- *A Alegria, a Dôr e a Graça*. 1ª ed., Porto, Renascença Portuguesa.

(1922)- *Do Amor e da Morte*. Porto, Lello & Irmão.

Coutinho, J. (1991)- *O Pensamento de Teixeira de Pascoaes – Estudo hermenêutico e crítico*. Braga, Publ. da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa.

Gurméndez, C. (1991)- *Estudios sobre el Amor*, 2ª ed., Barcelona, Anthropos.

Laupies, F.(1998)- *Leçon philosophique sur la sensibilité*. Paris, P.U.F.

Not, L. (1989)- *L'Enseignement Répondant: vers une éducation en seconde personne*. Paris, P.U.F.

Patrício, M. F.(1992)- *A Pedagogia de Leonardo Coimbra: Teoria e Prática*. Porto, Porto Editora.

Perniola, M. (1993)- *Do Sentir*. Lisboa, Editorial presença.

Pimentel, M. C. (1996)- *Odisseias do Espírito. Estudos de Filosofia Luso-Brasileira*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Sousa Dias (1998)- *Estética do Conceito. A Filosofia na era da comunicação*. Coimbra, Pé de Página.
necessity of living with others.